

Já antes o Sr. Alexandre Herculano tinha dito : *Os Primeiros Cantos* são um bello livro ;—*são inspirações de um grande poeta.*

Passe um pouco as paginas ; leia a analyse do poema—*Os Tymbyras*—. E responda o Sr. Sylvio se não ha ahí o mais sensato criterio.

Diga esse coração insensível, diga esse sonhador de uma nova poesia se não prometteria em delirantes declamações, depois de ler aquella exclamação pungente do indio :

« Suspirada Coema em paz descança  
« No teu florido e funebre jasigo ;  
« Mas quando a noute dominar no espaço,  
« Quando a lua escoar humidos raios ;  
« Da candida neblina veste as fórmias  
« E vem, no bosque suspirar c'ò a brisa,  
« Ao guerreiro que dorme inspira sonhos,  
« E á virgem que adormece amor inspira »

A cabeça portentosa que produzio—*Os Tymbyras*—é a de um versejador pigmeu ; a razão esclarecida que nos desenvolve e mostra estas bellezas, em toda a sua luz, é a de um celebre rethorico, que tem apurado o *gosto horaciano!*

E quem o disse ?

O Sr. Sylvio Ramos !...

Pois saiba o Sr. Sylvio : o mundo litterario detesta-o, porque teme ver destruida sua religião, e velipendiados seus sacerdotes. O mundo litterario, que ainda tem o gosto perfeito para experimentar as grandezas do bello, repelle esses vermes damninhos, que minam as raizes da arvore da sciencia.

Retempere o Sr. Sylvio sua critica na incude do bom senso, e appareça continuando o trabalho de seus mestres, o mundo litterario o abraçará e cheio de entusiasmo a par delles lhe dará lugar.

Se porém proseguir em seu empenho destruidor, só encontrará a maldição dos contemporaneos, e o desprezo da posteridade, emquanto uma e outra de mãos dadas victoriam aquelles a quem os golpes do Sr. Sylvio nem de leve se quer ousarão tocar.

A critica nunca matou ao que deve viver. (20)

(20) Chateaubriand.

## Tentativas litterarias

### CONTO PHANTASTICO

(Imitação de A. de Azevedo)

— Que tens, Bertrand ? Em que pensas ?

— Tenho tedio da vida, penso na morte.

— Na morte !? E queres deixar a vida, quando ella se te entreabre ainda como um seio de vida aos primeiros susurros do amor ?

Quando ainda a cerração do crepusculo não se disnuou de sua tunica de neve ?

E's muito moço, Bertrand. Esquece esta ideia que te envolve o cerebro como uma mortalha de gelo. E' sem duvida, alguma paixão que te faz odiar a vida ; eu sei quanto ellas se custam a apagar, aos vinte annos ardentes d'uma mocidade de fogo.

— Não, Johann. Não é o amor que me mata, não é o excesso de vida que me sufoca ; mas sim sentir que se vae com o ultimo raio do sol, que galopa nos mosaicos do horisonte, a minha ultima illusão. E' sentir o corpo inerte como um cadaver, inutil como um Cenobita, vasio como um tumulo. Adormeci no seio desses lothus perfumosos que bordam os caminhos da existencia e a que chamam amores. Encantei-me desses versos sentidos de Petrarcha, apaixonei-me dessas fallas chorosas do amante de Julietta, e acordei no seio desbotado e nú da pallida Marcô, aborrecido d'um mundo material e positivo ; procurei este outro mundo phantasiado pelos vapores rosados dos espiritos, onde dizem, que a *alma* doudeja de sonho em sonho, como por entre o sudario da tempestade, doudeja a luz vacilante do relampago de nuvem em nuvem na concavidade do firmamento. Ah ! E depois que se tem bebido todos os vinhos, quando o corpo cataleptico já não vibra ao choque electrico do absinthio, e este mundo phantastico tem desaparecido, porque as taças estão vacias ; depois de se ter afogado um a um todos os suspiros nesses labios mercena-

rios e gastos pelo mundo, quando no seio da prostituta se tem perdido o ultimo estertor da volupia, oh! então a vida está gasta, nada mais resta que a morte, os goivos da sepultura; na fronte têm-se embebido o beijo de despedida da existencia, como nas agoas abrasadas do deserto o ultimo raio descorado do dia, que enegrece.

— Como te enganas, Bertrand!? E pensas ter vivido, quando apenas o sonambulismo dos praseres materiaes te tem entorpecido o espirito? ah! são estas, taças de goso, em cujo fundo não se encontra vida, porem a morte sorrindo medonha como os horridos phantasmas de Hoffman.

Nestes seios e nestes labios existe o tedio da vida, que é o septicismo—o cantico de morte que te resôa no peito, como a ultima nota d'um poema de gósos.

E' sempre assim o despertar do goso. Acaso amaste? sentiste acaso n'alma o estremecer deste sentimento immenso como a propria immensidade, infinito como o proprio infinito, e que nos falla ainda através do marmore d'um tumulo; que prova mais queres da immortalidade d'alma?

—Ah! Ah! Ah! A alma?! O amor?!. A alma, Johann, este ar suptil como o oxigenio dos chimicos, evapora-se e perde-se no nada quando o corpo gelado estremece á ultima convulsão da vida. Não tens, por ventura, passado uma noite de *spleen* sobre o marmore d'uma sepultura? já não vistes este fogo que foge tremulante das sepulturas ainda frescas, e apaga-se no espaço como a luz do theoro? Pois é a alma que tem abandonado o corpo.

E' a intellectia de Aristoteles que se decompoz em seus elementos. O amor?! e és tu um destes loucos que acham em tudo um assumpto para seus desvarios? que ajoellam-se aos pés de uma *Venus*, imaginam-lhes mil coisas, fallam lhe de Petrarcha e de Lamartine, das flores e dos perfumes, da primavera e da natureza, alheios entretanto ao iman que os atrahê, ao abysmo que lhes inspira a vertigem, e que são estas formas que se

contornam nos corpetes de gaze, o languido rocegar das sedas dos vestidos, esta pallidez que se lhê amarrota nas faces, quando ella se levanta dos braços convulsos de seu languido *Narciso*? Ah! porque não imaginaes vós outros estas cousas tão lindas, tão transparentes, tão perfumosas junto a mulher feia, que entretanto vos cobre de carinhos e a quem atiraes o desprezo, como se atira o pé ao cão leproso que nos vem lamber as botas?

— Porque o bello é o ideal do espirito.

— Qual espirito, Johann? dize-me antes:—o bello é a palavra que soprada no fio electrico de nosso systema nervoso commnica-se immediatamente a todas as partes do nosso organismo, manifestando-se então o amor, isto é—o delirio,—que é este estremecimento de nossas carnes, este esmorecimento de nossos musculos, essa perda de nossas faculdades, essa falta de luz em os nossos olhos, esta aceleração de nossos pulsos, o tonteio de nosso cerebro e a perda de nosso corpo aos pés da belleza real, nua, palpitante e anciosa de gozo e de volupia.

— Que ousas dizer Bertrand?!

Não crês mesmo em teu próprio ser?! e o pensamento, esta faisca de luz eterna que te illumina o cerebro?

— Johann, a ideia, esta scintella de luz, não é mais do que o resultado de uma combustão constante que se opera no cerebro, e que como a lampada de alcool bruxoleia, vacilla e morre, quando lhe falta o espirito que a alimentava.

Oh! meu Deus! até que ponto chega o cynismo humano? até onde chega a pequenez do homem duvidando de vós ante a grandeza de Vossa Magestade?! Sim, Bertrand, quando se tem despedaçado este laço que consorsia a razão humana com a Alma Absoluta,— quando se extingue entre os labios de uma taça e uma blasphemia o ultimo scintillar da consciencia, como uma lagrima de fogo que se apaga sobre o marmore de um tumulo, sim, deve-se morrer.

— Sim, Johann. Ouve agora a historia desta vida que se finda, como o perfume

envenenado da mansenilha que desfolha a beira dos caminhos.

(*Continuu.*)

— — —

### O botão de rosa!

(A ZULMIRA, EM O DIA DOS SEUS ANOS)

Qual é a menina que não consulta o oraculo de um malmequer?...?

*J. de Alencar.*

Céus azulados da patria dos amores, como não povoais de creanças dulcissimas os corações da virgem e do languido poeta!

Como são bellos os teus segredos, mocidade,—ridente primavera da vida!

Em uma das noutes da engraçada estação do anno, dous vultos, duas creanças talvez, conversavam na janella de uma casa illuminada. Ambos formosos, como sonhos d'amor ao luar; ambos estremecendo-se, vivendo dos mesmos devaneios e esperanças...

Noute de primavera, como é suave a tua poesia! Sorri a candida e mimosa açucena, embalsamando o ar com seus aromas innocentes. Perola diamantina, sorri a estrellinha no azul da concha aveludada do céu. Que feiticeiros poemas envia a criação á immensidade!

A casa era illuminada. Noute de festa! Fazia annos Francisquinha. As suas amigas,—lindo grupo de borboletas—, vinham saudal-a. A musica annunciava o prazer, a dança...

Como é formoso o colibri beijando o botão de rosa que se abre!

Ella, a rainha da noute—, ella, que completava os seus dezoito annos, é como o ligeiro habitante dos ares.

Ahi está, á janella, conchegando aos labios purpurinos uma flor, um botão de rosa!

Ao seu lado, um typo romantico de poeta, Arthur!

Vendo-a, diriois a Susanna biblica enleuada como Julietta pelas fallas ardentes de Roméo!

Duas joasinhas de amor—são os corações d'aquellas creanças.

Emquanto a brisa nocturna passa pelos seus cabellos como nuvensinha em um céu de esmeralda, elles conversam, fazem confissões...

O botão de rosa foi um presente do seu Arthur. Eis porque ella olha-o com tanta candura, eis a causa dos seus affagos!

— Francisquinha! a primavera, em uma das suas noutes, como que saúda os teus dezoito annos! Sê feliz, minha amante, com esses hymnos que a natureza concerta para offertar-te... Guarda no seio, como em arca santa, este pequeno botão de rosa. Seja elle só—esperança!

As vezes envolve-se mysteriosamente o futuro de nossa vida em uma florinha: a esperança vem-nos luminosa; ou cede logar a melancolias.

E Francisquinha, acariciando e mimo do seu amante, parece acariciar, cobrir de beijos o seu futuro, o seu amor.

Botão de rosa! Amores e esperanças! Perfumai o coração da virgem: sêde eternos, infinitos!

*Angelo Yago.*

Bahia — 25 de Fevereiro de 1873.

— — —

### Saudade

A'.....

Partiste..... e já desceu sobre minh'alma

A noite das tristezas,

Em vão procuro aqui nestas devezas

A calma!

aprouver, sem attenção a esse absurdo, que se chama—propriedade. Mas, não vê o collega, que isto seria arvorar o crime e a immoralidade em lei?

## Tentativas litterarias

### CONTO PHANTASTICO

(Imitação de A. de Azevedo)

Não és poeta? Pois bem; houve um tempo em que, como tu, emballaram-me as illusões enevoadas da juventude; eu era muito moço, tinha a cabeça quente de idéas, e o peito latejante de amor.

Foi na Hespanha. Corria a noite serena e pura como as aguas de um rio. A cidade adormecia indolente como a pallida messalina que se levanta da orgia; a lua subia no céu manso e manso como a namorada que espreita o amante, sobre o corsel do espaço que sacudia sua cabelleira de nuvens; gallopavam as estrellas scintillantes, enquanto eu corria nas aguas que chaspiavam nas bordas de meu batel. Nunca fiz versos, mas se ser poeta é amar o céu languido como seio de virgem, ou escuro como a sombra de um abysmo, se ser poeta é amar o oceano, este rebanho azulado balando preso entre os braços petrificados dos rochedos, ou indomito elevar-se as nuvens abrazando a immensidade, oh! então eu tambem fui poeta um dia e n'essa noite mais que nunca senti em meu cerebro o rescaldar crepitante da inspiração. Corria no meu batel com o peito cheio de enleios, quando ao longe ouvi um canto saudoso como a melodia de uma harpa perdida nos mysterios das aguas; era uma voz de mulher doce como um idyllio de Gesner; era o canto atractivo de uma fada que surgia das vagas para me matar de amores.

Meu batel levado pela correnteza, parecia como eu se embevecer n'aquelle canto mavioso. Eu amei aquella voz, aquella canto, aquella mulher, como já amava as aguas, o céu e as estrellas. Meu batel encontrou-se com a barca feiticeira da fada; ella era uma hespanhola alva e

bella como estas filhas dos romances de Scot; negras serpentes de cabellos enroscavam-se em seu collo de jaspe e iam beber o nectar da vida na rosa d'aquelles seios sublimes; seus olhos rasgados e humidos vogavam pelo azul do firmamento, como nossos dous barquinhos pelas aguas dos Manzanares.

A seu lado sentava-se um formoso moço, mais digno que Enéas das voluptuosas canções de Virgilio. Tirava em sua flauta harmonias mais doces que os favos loiros das abelhas ou as doces vinhas do Egandi. Era naturalmente seu amante: tive vontade de o fazer visitar os intestinos do mar, mas a serenata continuava e aquella voz de anjo acordava me a sede de um goso immenso. O meu batel que parecia acompanhar os meus movimentos, foi chocar-se com a barca do hespanhol; elle intimou-me para que eu sahisse de suas aguas; eu não respondi-lhe — continuei a remar. Era mais que uma provocação, era um insulto. Pallido e tremulo de colera desafiou-me para um duello, mas não tinhamos armas e o mar era o nosso movel terreno. Começou então um ataque de parte a parte; nossos barcos chocaram-se, e nossos corpos abraçaram-se em um abraço de ferro; um tentava afogar o outro.

Em balde a linda hespanhola como um anjo de paz procurava romper essa cadeia de bronze; cahio desmaiada e nós continuamos a lutar só vistos pela immensidade que nos cercava. Cinco minutos mais e o meu adversario extenuado de vida, sumia-se, sumia-se nas aguas que o receberam a fecharam-se descrevendo um longo circulo que foi um parentesco aberto sobre o seu tumulo e minha vida.

N'este momento o vento soprou forte e o seu écho repercutio ao longe na bocca negra de uma gruta, como uma voz maldita cahida da immensidão.

Era mister fugir d'aquelle lugar onde eu acabava de commetter o meu primeiro crime. Tomei nos meus braços aquelle anjo; seu coração palpitava por traz de seus tumidos seios que medrosos pareciam fugir por entre as rendas de meus labios enfebrecidos.

Ao calor d'esta febre de amor, ella

abriu os olhos ainda humecidos de lagrimas. Estes olhos que nadavam em pranto procuravam alguém e fecharam-se de novo.

Trouxe-a para o meu batel e busquei a praia deserta; d'ahi levando ao hombro o meu fardo de amor.

Levei-a para nma casinha solitaria, deitei-a sobre um d'esses divans voluptuosos do Oriente e n'um delirio de beijos fil-a acordar de novo. Então contei-lhe tudo; disse-lhe que havia morto aquelle homem que julgava ser seu amante e que era no entretanto..... seu irmão! e tudo por um excesso de amor.

Pedi-lhe de joelhos o perdão de meu crime, e ella..... me perdoou, chorando lagrimas que bebi n'um delirio de loucura. Custou muito a serenar, mas afinal, como as aguas agitadas do tufão acabam por adormecer extenuadas de fadigas, ella cerrou as olhos e dormio.

(Continua).

### Ultimo sonho de Goethe

Elle dorme; em sua fronte pallida,  
A morte, occulta sob a veste squalida,  
Envolta em negridão  
Vae em breve,—o phantasma assolador,  
O anjo do exterminio—vae depôr  
Seo beijo de tufão.

Eile sonha; e seu sonhar terrivel  
E' visão dantesca, negra, horrivel  
De sombra e de terror.  
Vê nas trevas lutar a humanidade  
Em busca de um fanal—a liberdade—  
Mas em vão; oh! que horror.

Então desperta. Um fugaz espasmo  
Prende-lhe os labios em completo orgasmo;  
E sua lingua traduz  
Este verbo da fé, da eternidade  
Que Deus pedio ao chaos, a immensidade  
Elle bradou por—luz—

M. Johnson Ferreira.

### Sempre-viva

E's a mentira teimosa,  
. Em que minh'alma inda cré:  
—Agonia da esperanza;  
—Blasphemia ungida de fé.

Eu disse adeus ao passado;  
Por teu amor me excitei:  
Doeu-me n'alma a saudade;  
Busquei-te embalde, e chorei.

Tive medo do suicidio,  
Corri de novo a teus pés:  
Fiz penitencia de joelhos;  
E amo-te mais desta vez.

Salva-me agora em teus braços:  
Depois da culpa, o perdão.  
Houve a cruz—p'ra a Magdal na;  
Ha pr'a mim—teu coração.

Castro Rebello Junior.

### Chronica

*Um problema insolavel.—Direitos de um chronista.—As festas.—O Douz de Julho e o theatro.—Movimento da imprensa:—As «Nuvens Esparsas» de Pelino Guedes—O livro do Dr. J. Montenegro.—O Verdadeiro Catholico.—Espectaculo academico.—Reminicencia —Caiporismo de Mephisto.*

O destino tem, como a creança ou como a moça bonita e faceira, os seus caprichos. Uma vez, o destino é o anjo da felicidade, a cantar estrophes de amor e de alegria junto ao altar da nossa familia, abençoando o tecto que cobriu-nos quando *pequenos*; outras vezes, é *elle*—que escarnece de nossos mais simples desejos, introduzindo-nos n'alma a duvida do Hamleto!

Com o serio d'este *introito*, não vão já a pensar que fomos infeliz com as festas de S. João e de S. Pedro; que pretendemos escrever algum poema heroico, e não o conseguimos; que tivemos impetos de ir a exposição de Vienna, e a policia embargou-nos o passaporte. Não, leitores! O caso é outro. E' inexplicavel a interferencia que ainda temos na chronica do *Culto ás lettras*; nós, que, no entender de alguns livres pensadores, estavamos de molde a viver n'um convento ou tribunal, a rezar ou a formular libellos accusatorios.

*Caprichos do destino...*